

**COMBLIN, José, *O Espírito Santo e a libertação*, Petrópolis, Vozes, 1988<sup>2</sup>, 232 pp.**

Temos a alegria e o prazer de poder apresentar mais esta obra preciosa que Pe. Comblin nos brinda. O autor é belga de nascimento, mas trabalha na América Latina desde 1958. Já ocupou cadeiras acadêmicas no Brasil, Chile e Equador, bem como ministra cursos na Europa. O seu comprometimento com a causa dos mais pobres lhe custou a expulsão do país em 1972. Obteve autorização para retornar em 1980, passando a viver no meio de um grupo de agricultores no interior da Paraíba. A obra, aqui apresentada, é um esforço de entendimento e reflexão da ação do Espírito Santo na Igreja e no mundo, sobretudo a partir da experiência dos mais pobres e rejeitados da sociedade atual. É uma obra que pelo conteúdo de reflexão não está fadada ao limo da história tão cedo; tem garantida a sua atualidade enquanto o mundo existir e a esperança utópica, de libertação dos oprimidos, tiver necessidade de ser suscitada, pela negligência nossa em não assumir verdadeiramente o *Espírito* e a sua ação e a prática do Evangelho.

É a partir da experiência do Espírito Santo vivida pelas comunidades latino-americanas que o autor se embrenha a refletir sobre este "grande desconhecido" nosso: o Espírito Santo. O que se percebe hoje, é uma redescoberta do acesso a Deus na experiência pneumatológica, sobretudo no pós-concílio Vaticano II. O objetivo não é apenas verificar e refletir sobre as experiências mais ou menos formais do Espírito Santo que se tem observado nas igrejas, mas também refletir sobre experiências que não são nomeadas, e, que, no entanto, são autênticas experiências do Espírito Santo. O fim objetivado é a teologização destas experiências, sobretudo, daquelas experiências acontecidas nas comunidades dos pobres: "*Na América Latina dá-se a experiência do Espírito muitas vezes sem o nome. Ora, um dos papéis da teologia consiste em dar os nomes às realidades. Daí este livro, cuja finalidade consistirá em provocar uma aproximação entre as experiências vividas e a teologia do Espírito Santo*" (p. 12).

Para desenvolver a sua reflexão o autor desenvolveu sua obra num plano de **seis capítulos**, organizados em uma dinâmica

ascendente - da experiência à conceituação; da vida à teologia - que respeita a própria dinâmica pedagógica do ser humano, pela qual se constrói a partir do material experiencial que vai sendo adquirido e elaborado durante a vida.

Desta maneira não poderia deixar de ser o primeiro capítulo dedicado à *Experiência do Espírito Santo*. Experiência que se caracteriza pelo imprevisto; como foi o nascimento do cristianismo. Este é marcado por dois fatos centrais da experiência do Espírito: a unção (pelo Espírito) de Jesus, que o impulsiona a missão e, ao mesmo tempo direciona esta missão; o Pentecostes, que é uma ação do Espírito que impulsiona a Igreja a continuar a missão "espiritual" de seu mestre, ou seja, reproduzir na história a memória de Jesus. Esta memória é a renovação permanente da ação do Espírito, ou seja, sempre um novo Pentecostes.

Embora a Igreja cristã do Ocidente pareça ter esquecido o fato Pentecostes - ela se centrou mais na experiência Pascal - hoje se nota um *revival* da forte experiência do Espírito Santo dos tempos primigênicos. O Vaticano II é num certo sentido quem aponta o rumo para uma Igreja mais voltada para a experiência, como forma de expressar e vivenciar a fé. Isto é perceptível tanto nas práticas litúrgicas e de vida religiosa de uma "igreja nova" que surge, como no trabalho teológico. Só o racional não convence mais. É preciso a experiência vivenciada: *"A nova época da Igreja estará sob o signo do Espírito Santo e terá um aspecto de experiência muito mais acentuado do que tudo o que existiu desde o século II"* (pp. 36-37).

Esta experiência será explicitada por meio de cinco linhas fundamentais: *Experiência de Ação* (no fato novo, concreto); *Experiência de Liberdade* (na práxis libertadora); *Experiência da Palavra* (todos podem falar); *Experiência de comunidade* (na partilha); *Experiência de Vida* (uma vida nova). Cinco linhas que formam uma única experiência no Espírito.

Quando o Espírito ou a experiência do Espírito é manipulada e controlada ou institucionalizada, o próprio Espírito suscita movimentos de revitalização. Assim aconteceu na Idade Média, quando o Espírito Santo ficou institucionalizado nos sacramentos e os movimentos de revitalização espiritual surgiram com força.

Tudo o que foi feito em termos de reforma, sobretudo do Concílio Vaticano II para cá, não chegou a tocar a fundo ainda a questão.

A experiência do Espírito que hoje observamos é apenas um primeiro passo na abertura do caminho de um cristianismo do futuro.

A experiência do Espírito revela o *Espírito Santo no mundo*. Este é o tema do segundo capítulo da obra. O Espírito Santo é enviado ao mundo para realizar uma nova criação.

Na Bíblia, o Espírito Santo aparece conexo a seis temáticas: Em vista da *ressurreição*; como atualizador do *Reino de Deus* no mundo; sinaliza para a realização do Reino no mundo; como criador, renovador constante da *Criação*; no soerguimento do *Novo Homem*, como nova criatura que nasce para Deus; no *meio das nações*, chamando-as a viver uma nova humanidade; como expressão do lado *materno* de Deus.

Historicamente, o Espírito Santo surge ao lado de quatro temas fundamentais: os *pobres*; o *messianismo político*; na *dialética histórica*; nas *Reformas*. Neste processo o Espírito sempre age “de baixo para cima”, ascendentemente. Primeiramente, porque escolhe os pobres, os mais fracos da história para manifestar mais plenamente o seu poder. A Igreja nem sempre entendeu está dinâmica, ou não quis entender por causa das conseqüências políticas que uma postura deste tipo comporta. O Reino de Deus é uma realidade que acontece já neste mundo, pela ação do Espírito que provoca o conflito com as forças que querem impedi-lo de acontecer. Só haverá *homem novo* na superação do conflito e na *reconciliação* provocada pelo Espírito; para que isto aconteça algumas coisas perdem seu lugar e coisas novas surgem. Como diz Mc 2, 22c: “Vinho novo se põe em odres novos”.

A ação do Espírito Santo no mundo é entendida a partir de cinco conceitos-chave: a *liberdade*; a *palavra*; a *ação*; o *povo*; e a *vida*.

A liberdade é a capacidade de agir no plano do homem novo. Principalmente liberdade das amarras de si próprio. O Espírito Santo é Senhor da liberdade (2Cor 3,17). Seu dom é vocação para a liberdade. Sempre que a liberdade não foi respeitada o Espírito a suscitou como bandeira de protesto, tanto na Igreja como no mundo. Para percebermos se é de fato, verdadeiramente, ação do Espírito, devemos considerar de onde vem esta palavra e este grito de liberdade: os pobres são verdadeiramente o lugar fundamental onde o Espírito suscita ação. Os profetas foram os grandes codificadores desta tradição da ação do Espírito. Ação que é força construtora, criadora de novas relações - solidariedade ativa - e de novas formas de vida, seja corporal, seja em termos de vida eterna. Mesmo no sofrimento, quem experimenta o agir do Espírito se fausta na alegria.

A terceira unidade do livro trabalha o *Espírito Santo na Igreja*. Ela existe porque o Espírito Santo lhe foi enviado. Por ele é conduzida e guiada.

Num certo sentido a Igreja e a teologia Ocidental ignoraram a presença do Espírito Santo. Toda prática e reflexão teológica desenvolvida no Ocidente prescindem do Espírito Santo: *“O Espírito Santo vem para autenticar, santificar, sacralizar, dar força e autoridade ao que faz a Igreja. Mas tudo sucede como se não existisse”* (p.105).

O Espírito Santo foi entendido, desde as primeiras comunidades, como enviado à Igreja, como promessa à Igreja. Seus dons são para a construção desta. Na Patrística o Espírito Santo e a Igreja já eram entendidos como realidades unidas. No decorrer da história o Espírito foi sendo entendido cada vez mais como aquele que confirmava a Igreja, conseqüentemente, confirmava suas atitudes e ações. Quem dá os primeiros passos da virada no entendimento do papel do Espírito na Igreja é o Concílio Vaticano II. O Espírito começa a ser compreendido, novamente, em seu papel de suscitador de seguimento e construção da Igreja e não mais como instrumento à disposição da Igreja para confirmá-la em suas ações.

A ação criadora do Espírito provoca o nascimento da Igreja também de dentro para fora. Suscita nas mais diversas tradições religiosas da humanidade uma continuidade que culmina em comunhão. É este aspecto de Igreja como vivência de experiência do Espírito que nós precisamos recuperar no Ocidente. Uma experiência geradora de comunhão e formadora de comunidade. É nos mais pobres, nos miseráveis deste mundo, quando expressam laços de solidariedade, formando comunidades autênticas, que verdadeiramente se manifesta a ação do Espírito na construção de Igreja.

Sem a presença autêntica do Espírito a Igreja não forma a unidade necessária que expressa sua catolicidade, santidade e apostolicidade.

Em tudo o que a Igreja faz, seja no anúncio da palavra, na liturgia, ou na sua organização institucional, se ela não estiver aberta ao Espírito se torna caduca ao seu tempo. Não há palavra, e, lembramos, toda palavra vem codificada em linguajar humano, contextualizado, que não seja eficaz se não for inspirada pelo Espírito, tanto no seu anúncio como na sua recepção. Se os sacramentos fazem do Espírito um instrumento para sua eficácia, perdem a abertura para o verdadeiro

nascimento do *homem novo*. Os sacramentos é que são instrumentos do Espírito. Sendo assim, a Igreja tem de redescobrir os carismas, como iniciou o Vaticano II. Estes são os verdadeiros serviços autênticos provocados pelo Espírito na diversidade. A expressão dos carismas acontece nos *Ministérios* em geral. É o Espírito que confere autoridade a estes serviços, que deve ser exercida com humildade e abnegação.

O quarto capítulo trata da relação do Espírito Santo na Igreja com seus membros. Melhor explicitando, trata do *Espírito Santo nas Pessoas*. No Ocidente houve uma falha: teologia e espiritualidade ficaram separadas. Os movimentos de renovação no Espírito abriram as portas recentemente para o Espírito na espiritualidade ocidental, mas, convenhamos, é uma porta por demais estreita. Não conseguiram ainda ligar profundamente, e com consequência, o Espírito à prática.

Tanto os modelos Oriental como Ocidental de espiritualidade parecem estar em crise. O primeiro visa pelo Espírito a deificação do homem, o segundo vê o homem como essencialmente pecado. Só a graça de Deus pode libertar o homem. Um novo modelo de espiritualidade deve constar de algumas características fundamentais se quer ser válido para o homem de hoje. Tem de produzir libertação integral da pessoa. Mas não pode ser uma libertação que leve a cair na modernidade e no secularismo. Para se atingir esta nova espiritualidade os privilegiados têm de se despojar dos seus privilégios em favor da solidariedade e partilha com os pobres. Não se pode mais sustentar uma religiosidade tradicional no meio dos pobres, estes também têm de estar livres para uma nova espiritualidade. Devemos estar abertos ao imprevisível e ao incerto do Espírito. Por Ele retornamos às fontes originárias de nossa fé e saberemos que mesmo em meio às lutas já vivemos a libertação.

Esta nova espiritualidade se desenvolve na contemplação do "mistério" de Deus na pessoa do pobre, eles são os escolhidos para o início de um mundo novo. Através de uma ascese que tem por fim a liberdade plena. Ascese vivida na forma de despojamento e convivência com os pobres. Isto deve estar refletido em uma oração que brote da realidade da vida: da insegurança na vida e da confiança no Pai. Só assim, no meio de tantos sofrimentos, acontece aquela alegria que o Espírito produz, que vem da certeza da vitória futura.

O Verbo e o Espírito formam, analogicamente, *As duas mãos de Deus*. Esta é a temática da quinta unidade da obra. Não há separação na ação do Verbo e do Espírito Santo. Ambos agem em conjunto. Tão importante como a missão do Filho é a missão do Espírito Santo. O

mesmo Espírito que foi enviado a Jesus é o que é enviado à humanidade para formar em Cristo a unidade.

O Espírito é o que impulsiona Jesus em sua missão messiânica. É Ele que faz de Jesus Messias<sup>o</sup> libertador.

O agir do Filho é o agir do Espírito. A palavra proferida é palavra no Espírito. A palavra por si só não é suficiente se o Espírito não lhe conferir eficácia. O ministério profético da palavra ficou esquecido na tradição da Igreja. É preciso resgatar este ministério para que o equilíbrio saudável da ação do Espírito se faça presente. O profeta é necessário uma vez que ele é fiel à palavra daquele que o enviou a falar.

Hoje há uma preocupação em voltar à concepção bíblica de palavra. Na Bíblia à palavra segue-se o agir. Agir que é libertação. É o Espírito que cria a *práxis* libertadora, orientando a criação de uma nova linguagem, de um novo discurso.

Na Igreja é que fica mais patente o acontecer da ação divina. Cristo e Espírito não se opõem. Pelo contrário um e outro se integram de tal modo que faz possível a vida da própria Igreja. A Igreja é obra de Cristo e do Espírito Santo. Ela tem vida porque o Espírito suscita os carismas, que por sua vez, fazem com que a Igreja vá ao reencontro do que Jesus disse e fez. A missionariedade da Igreja só acontece quando ela se abre para a ação do Espírito. É Ele que faz nascer a Igreja no meio das nações. É uma ação imprevisível. Isto só acontece mediante uma *práxis libertadora* que demonstre confiança na ação do Espírito.

O último bloco da obra articula *Espírito e Trindade* como aquele que é “Deus perto de nós”. “*Tudo na missão do Espírito Santo tende a manifestar a sua relação com o Pai e o Filho*” (p. 204). Pai, Filho e Espírito são consubstanciais. Portanto, o Espírito Santo é Deus.

O Novo Testamento nunca diz que o Espírito Santo é Deus. Quem proclama a igualdade deste com o Pai e o Filho é a Tradição da Igreja, com base em dois argumentos: a fórmula batismal, que proclama a Trindade pela experiência; e o que ficou explícito pela “economia da salvação”. É o Espírito Santo que nos reúne em Cristo que é um com o Pai. Assim, o Espírito Santo é Deus próximo a nós.

Se há divergência na interpretação da Trindade imanente isto não nos deve perturbar tanto. A Tradição tanto do Ocidente como do Oriente guardam a mesma fé no Espírito Santo. Divergem apenas no modo de entender a ação do Espírito a partir do Pai, *com o Filho* ou *pelo Filho*. A Trindade é um mistério que ultrapassa todo o entendimento

humano e a nós resta, no final de tudo, como diz Leonardo Boff, curvarmo-nos em adoração.

Pe. Comblin ofereceu, mais uma vez, para nós, uma obra com temática pertinente e atual, e que deve ser sempre retomada ao ponderar sobre ação divina no mundo, na Igreja, no ser humano. Os argumentos são claros e precisos. Demonstram, lógica e coerentemente, uma compreensão da ação de Deus pelo mais pobre e no mais pobre. A verdadeira face divina está manifesta naqueles que não têm condição humana alguma de defender-se. Se o Espírito é Deus perto de nós, é no rosto do pobre que encontraremos a face de Deus.

Buscamos muitas vezes a ação do Espírito no triunfalismo, imaginamos que para Deus se manifestar necessita de trombetas que o anunciem e de ações que provoquem estardalhaço. Quando, discretamente, ele se faz em nosso meio, seu Espírito suscita e promove a vida onde nós menos imaginamos: nas relações solidárias dos miseráveis. Marca muito e provoca, tomar consciência a partir desta leitura, saber que *"(...) os marginalizados, os que não contam por nada, os Lázarus, os aleijados, os cegos, os mendigos, os ladrões são os privilegiados (...) Não participam em nenhuma atividade formal, ignoram os dogmas da fé, não recebem os sacramentos e vivem fora de qualquer laço com a paróquia e até com as comunidades nucleares. O Espírito, porém, está neles e os reúne no Povo de Deus (...) os miseráveis ajudam-se na caminhada, encontram-se e formam sinais de comunidade muitas vezes mais autênticos do que os sinais das comunidades formalmente constituídas"* (pp. 125-126).

**Carlos Alberto Rodrigues Jorge cursa o 3º ano de Teologia no ITCR da PUC-Campinas.**

... e a sua vida no Brasil, em 1964, com a chegada da  
 família ao Brasil.

... e a sua vida no Brasil, em 1964, com a chegada da  
 família ao Brasil.

... e a sua vida no Brasil, em 1964, com a chegada da  
 família ao Brasil.

... e a sua vida no Brasil, em 1964, com a chegada da  
 família ao Brasil.